

PRIMO LEVI VISTO PELA CRÍTICA

Maria Franca Zuccarello UERJ [\[1\]](#)

ABSTRACT: Levi was known by Italian critics as a young German-Jewish engineer who came back from Auschwitz to write his memories. Initially ignored, he was later recognized as the “revelation of a new writer”, whose book *Se questo è un uomo* exceeded in art value any others focusing the same tragic experiences of a german Lager.

O jovem engenheiro químico italiano, de raça hebréia, Primo Levi, nasceu enquanto na Alemanha era fundado o Partido Nacional-Socialista, e na Itália Mussolini criava os *Fasci di combattimento*(que dariam origem ao *Fascismo*), e em Turim Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti, e outros que tinham as mesmas idéias políticas, iniciavam as publicações da revista *L'ordine nuovo*. Apesar disso nem na família Levi nem na sociedade em que vivia ninguém relacionava aqueles fatos a questões raciais.

Camon – No mesmo ano em que o senhor nascia (1919), era fundado na Alemanha o Partido Nacional-Socialista e, na Itália Mussolini fundava os “*fasci*” de combate: parece quase que a sua vida estivesse marcada desde seu nascimento. Na sua casa, na sua infância, falava-se destas coisas? Houve uma fase de previsão, de pressentimento?^[2]

O hebraísmo que se respirava na casa Levi era o mesmo vago hebraísmo das famílias emancipadas de quase toda a Europa. Era aquele estranho hebraísmo tipicamente italiano, exercitado com seriedade e, principalmente, por tradição.

Quando pequeno e adolescente para Primo Levi ser judeu não era muito importante, nem marcante. Sentia-se italiano apesar de pertencer a outra religião. Era um menino introvertido, fechado em seu universo infantil, não amava os jogos, e não os amaria nunca, com exceção do jogo de xadrez, tradição da família. Na escola era muito aplicado, sendo sempre o melhor da turma em quase todas as matérias, menos em italiano e em história!

A dedicação para os estudos humanistas lhe advinha do pai e da escola que, de postura clássica humanista, transmitia-lhe forte oposição às ciências. Mesmo assim, por

volta dos quatorze anos, Primo começou a se sentir atraído por estas, e quando tinha dezesseis anos não teve mais dúvidas: tornar-se-ia um químico, porque a química era para ele ‘uma nuvem indefinida de potências futuras’: (LEVI: *Il sistema periodico*, p. 758). Seria aquela nuvem a explicar-lhe suas leis, sua ordem em si própria, em sua volta e em volta do mundo.

No liceu Massimo D’Azeglio, Primo começou a ter os primeiros problemas com o então nascente preconceito anti-semita. Em 1941 se formou em Química e começou a trabalhar com nome falso, pois vivia no terror de ser descoberto e denunciado.

É preso por ser “partigiano” e levado para o campo de Fòssoli, onde se declara de raça judia e de onde será depois levado para Auschwitz. Muitos judeus que viajaram com ele não voltariam. Ao chegarem alguns soldados russos ao campo de Auschwitz ficaram impressionados: ali não havia mais homens, mas somente poucas “larvas” de homens: nisso haviam sido transformados Primo e poucos outros prisioneiros que os alemães não haviam levado na fuga por estarem agonizantes.

A guerra havia acabado e então foi a volta à casa: uma volta longa e tortuosa (que ele contará em *La tregua*) pelos devastados países da Europa e, finalmente encontra-se em seu país, em sua cidade, em sua casa! E Primo quer contar a todos as abomináveis ações dos alemães para com os prisioneiros, mas ninguém mais queria ouvir falar de guerra: todos queriam esquecer os horrores daqueles anos.

Inicia então a escrever *Se questo è un uomo*. Envia uma cópia deste para diversas editoras, até para Einaudi, mas não é considerado merecedor de publicação. Esse juízo foi expresso até por escritores que mais tarde terão uma grande admiração por Levi, como Cesare Pavese, Natalia Ginzburg e Italo Calvino:

Um dos primeiros críticos a comentar o livro foi Arrigo Cajumi, no artigo *Immagini indimenticabili*, em “La Stampa”, de 26 de novembro de 1947, que escreveu: “Levi é um pintor estupendo, sem sombra de retórica ou de declamação” (TOSCANI, Claudio, Come leggere *Se questo è un uomo*. In *Pagine scelte dalla critica*, 1990, pg. 97).

Alguns dias depois, em 7 de dezembro de 1947, no jornal “La Gazzetta del Popolo”, Lorenzo Gigli, referia-se ao livro de Levi como: “O mais profundo e verdadeiro entre os diários de internos dos campos nazistas” (TOSCANI, Claudio, Come leggere *Se questo è un uomo*. In *Pagine scelte dalla critica*, 1990, pg. 97).

Umberto Olobardi, em “*Il Ponte*”, de março de 1948, dizia ser, Primo Levi, um novo escritor, e que em seu livro não havia, em nenhum momento, um mercadejar com o apelo literário. E, ainda, dizia ser este:

[...] um livro que convida a meditar, diria que *obriga* a meditar.[...] Dizendo ser este livro *belo* se usa um adjetivo destoado, arcaico, irritante. Dizendo que *é impressionante*, não se põem suficientemente em destaque as qualidades propriamente – diria, tecnicamente – literárias do livro. ^[3]

Enfim, Cesare Spellanzoni, através do “Corriere d’informazione”, de 5 de agosto de 1948, compara, um pouco, o livro de Levi com *Le mie prigionie* de Silvio Pellico e diz:

[...] não faz nenhuma injúria, não se detém a levantar concitadas lamentações; deixa à tremenda realidade comentar si a mesma e conta a horrível vicissitude daquela multidão de homens que não têm mais nem mesmo um nome, mas somente um número impresso com tatuagem no braço esquerdo. ^[4]

Esses foram os poucos comentários com os quais a crítica, inicialmente, se referia a *Se questo è un uomo*. Depois foi o silêncio, até à nova publicação feita pela Einaudi, que, após a reedição ocorrida em 1958, acompanhará a vida de Primo Levi, até depois de sua morte.

Contra *Se questo è un uomo*, publicado quase clandestinamente, havia os tabus do primeiro após-guerra: falar do passado era possível somente quando os horrores vividos podiam trazer algo de bom para o futuro. A descrição de fatos tão terríveis, de uma desumanidade total, não agradava, porque poderia se repetir, assim como se repetiu com a bomba de Hiroshima.

Além disso, havia o fato do estilo. A exatidão e a forma clássica utilizada por Levi podiam parecer abaixo dos parâmetros da literatura e, por isso, o livro deveria ser colocado na respeitável, porém inferior, categoria de autobiografia e de memorialística,

como se isso pudesse significar literatura de boa ou má qualidade. Mas a obra de Primo Levi mostrou ser uma produção literária de qualidade melhor daquelas que, geralmente, contêm todas as características das que são definidas de obras literárias.

Em 31 de maio de 1958, em “La Stampa”, Franco Antonicelli, diretor da então Editora De Silva, saúda o autor e o livro, dizendo:

Não há o espetáculo revivido pelas dores individuais, há o repensar moral da Dor, como experiência suprema da humanidade; um sentir que é, de vez em vez, superado em sua própria consciência, erguido à reflexão e à visão geral da vida. [...] A especial qualidade do livro nasce do seu ser uma obra de arte também do ponto de vista literário, ou, para dizê-lo mais claramente, é uma obra de arte literária propriamente pelo impulso e pelo freio, muito meditados, que a pudica verdade e o profundo sentir a moralidade imprimiram à nua crônica. No entanto *Se questo è un uomo* é uma obra de arte também do ponto de vista literário. [...] Cada capítulo poderia estar só, completo, belíssimo, mas compreende-se que a purificação ou os “patos” não são cercados nem por um instante fora do ritmo espiritual do conto. Por este motivo, o livro ‘inscreve-se’ entre os livros de poesia, porque ele [Primo Levi] escreveu a poesia do homem que havia caído e havia renascido - respiro por respiro, gesto por gesto - à sua integridade. Esta é a verdadeira beleza de suas memórias^[5].

Cesare Cases, um dos críticos que de Primo Levi observou a capacidade do ex-estudante de química assimilar clássicos como Dante, Manzoni, Leopardi e outros, diz que ser um clássico significa também ter precisão, e, principalmente, ter a capacidade de pesar as palavras como somente um químico sabe fazer.

[...] O que nos importa é a imprescindibilidade para a compreensão da origem e da natureza da arte de Levi: começou a escrever para esclarecer a si mesmo e aos outros sobre uma experiência insuportável, e continuou com esta convicção na qual o cientista se identifica com o escritor. [...] Este sentido da ordem que, dos átomos, das moléculas, do sistema periódico, se transfunde naturalmente no discurso, é tão forte que não teme o confronto com ordens lingüísticas diversas. [...] A química linguística é também alquimia, quando da combinação heterodoxa dos elementos resulta um composto que preside igualmente uma força ordenadora. Aliás, uma língua muito perfeita e harmônica embate contra um princípio fundamental

leviano: a necessidade da imperfeição. A verdadeira ordem a inclui necessariamente, porque é tão somente quando está em contínua tensão contra as forças que tendem a desagregá-lo. A ordem perfeita ‘cheira mal’, é o indicio de algo que não funciona, que o real está explodindo ou, ao contrário, que se está fixando numa eternidade não natural.^[6]

Cesare Segre, ao falar de Primo Levi, diz:

O crítico não pode errar muito com Primo Levi, pois se explica muito bem por ele mesmo; e não lhe resta nem muito espaço para a invenção pessoal. Pode (o crítico) somente explicitar melhor os motivos do ato de escrever, até procurando aqueles (penso serem poucos) que Levi não percebe.^[7]

E faz uma análise completa de *Se questo è un uomo*, examinando-o sob todos os aspectos, dizendo que a necessidade de ‘libertação interior’, que deu impulso a Primo Levi para escrever esse livro, obedece à documentação de uma experiência única ou extrema; ao mostrar, principalmente para preveni-las, as piores conseqüências da xenofobia; ao meditar a respeito do comportamento humano, diante de situações excepcionais, isto é, o comportamento dos prisioneiros e de seus algozes e ao contar para se libertar da obsessão do que havia ocorrido.

Tudo isso é antecipado na poesia *Shemá*, usada como epígrafe do livro: uma poesia, na qual o autor dá às palavras todo o peso que não quis lhes dar durante todo o livro, isto é, o não julgar as ações criminosas dos alemães.

Não temos, aqui, um poeta que fala consigo mesmo, uma mensagem assim renovada formalmente tanto a chegar nova ao seu próprio emitente. Ao contrário, temos uma mensagem dirigida aos outros, ou em forma de admoestação, ou em forma de apólogo. A novidade expressiva não está nunca no âmbito da palavra ou frase, mas está no âmbito do discurso, revelador em suas aproximações ou em suas implicações.^[8]

Segre analisa, num primeiro momento, as motivações – chamando-as de *A temática* – que levaram Primo Levi a escrever o livro. Depois fala a respeito dos *Modelos e fontes*, dizendo que a estrutura do livro, isto é, a viagem e o fio de arame farpado, lembra muito a estrutura, em círculos concêntricos, do *Inferno* de Dante, assim como

muitas frases utilizadas. No terceiro momento, que define de *Arte*, o crítico faz um juízo à excepcional literalidade do livro, observando que Levi superou muito, em qualidade, todos os outros livros escritos por sobreviventes dos *Lager*, fruto da precisão da memória, da reflexão e do alto nível de força moral do escritor.

Nesses três itens são abordados vários subitens, dos quais consideramos como o mais importante aquele que se refere à língua, isto é, às línguas usadas pelos carcereiros (a alemã e a polonesa) e pelos presos: jiddish, italiano, espanhol, francês, russo, e, principalmente, à língua usada pelo autor.

Stefano Levi Della Torre inicia o seu comentário sobre a obra de Primo Levi dizendo:

A obra de Primo Levi representa um extraordinário enredo de mundos diversos: é um lugar de encontro e interação entre pensamento científico e narrativa, entre memória e história, entre a cultura européia e a vicissitude hebraica, entre singularidade individual e drama coletivo, entre judeus sobreviventes e alemães de hoje ^[9].

O que é verdadeiramente grande em Primo Levi é o fato de que os seus escritos sejam tão insistentes em julgar, quanto nítidos em descrever, de tal forma que o julgamento torna-se um só corpo com a evidência dos acontecimentos.

Primo Levi explica descrevendo, descreve para conhecer e fazer conhecer. Mas na sua descrição - que é a do cientista e do escritor juntos - há um juízo mais límpido e duradouro de quanto não o sejam os juízos do moralista e do ideólogo. É um modelo raro e difícil, que o diferencia, por exemplo, de Elie Wiesel, do qual se esquiva (e nos esquiva) do assunto insustentável de Auschwitz através de um véu de eloquência, de narcisismo literário, e um sabor vagamente lamentoso e recriminatório que dá às vítimas um ‘algo mais’ que é um algo menos: as envolve numa auréola de vítimas ^[10]

O crítico-escritor Fiora Vincenti (*Invito alla lettura di Primo Levi*, Milano, Mursia, 1973) diz:

Seria oportuno, primeiramente, começar com alguma reflexão a propósito do próprio título do livro. Dando o título ao seu testemunho *Se questo è un uomo*, Levi entendia evidenciar qual era o assunto fundamental deste trabalho. O título constitui, já, por si mesmo, um daqueles interrogatórios da consciência cuja dramaticidade é tal que

torna supérfluo a pergunta e então deve-se excluir toda e qualquer forma de ênfase. Em outras palavras, uma pergunta em que necessariamente está já inclusa uma resposta, exatamente pela força apodíctica desta última. O testemunho que Levi nos confia através das páginas de seu livro não é outra coisa que uma longa meditação a respeito do aniquilamento da personalidade humana (no sentido físico e sobretudo, no sentido moral), que constitui o primeiro objetivo dos campos de extermínio. ^[11]

Paola Valabrega vê na obra de Primo Levi apontar, quase sempre, sugestões hebraicas, projetadas pela sensibilidade e cultura que lhe advêm da educação cultural herdada pelo pai do autor, apesar das divergências de leituras que havia entre os dois.

A cultura hebraica existente no íntimo de Primo Levi, apesar de ser já italianizada, quando do encontro com os judeus do Oriente lhe causará estranheza: eles têm hábitos, mentalidade e linguagem diferentes dos judeus da Europa ocidental, do judeu moderno, que, como observa Habermas, adquire ‘a arte de ser judeu, mas de não ser como um judeu’ (*Primo Levi e la tradizione ebraico-orientale di Paola Valabrega*, In *Primo Levi: un’antologia della critica*, 1997, pg. 265). Os judeus conservavam suas tradições centradas no amor aos familiares e à casa, que nem o exílio conseguiu destruir, pois a casa, insistentemente sonhada, é para eles um ponto de referência e de orientação, como lugar de moradia, realidade física, mas também como núcleo social, família, entidade moral, símbolo de uma concepção de vida. Ela representa o refugio, o confim perdido, a perda da própria identidade, e a família constitui uma unidade orgânica.

A carinhosa e dolorosa figura de mãe junto às crianças na noite que antecede a viagem em direção a Auschwitz, é o emblema da ternura, do calor humano da família, cuja unidade, como diz uma lenda de derivação talmúdica, ‘vale mais do que o nome de Deus’. [...] O núcleo familiar, ‘aquela convivência íntima e fechada em si mesma’, oferece uma alternativa à solidão, à incomunicabilidade, à impersonalidade.[...]A intimidade familiar é característica do mundo hebraico: o judaísmo afunda suas raízes na tradição doméstica e nessa cumpre a função de ‘garantia de firmeza existencial’.^[12]

Cynthia Ozick, em *Il messaggio d’addio* analisa a morte de outros escritores que, depois do *Lager*, tinham-se suicidado, e analisa o comportamento de Primo Levi, que, depois de quarenta anos, escreve sua última declaração de não-perdão para com os alemães: *I sommersi ed i salvati*. Ela, também, faz observar como Levi, no primeiro livro, usa um tom calmo, tranqüilo, para, gradativamente e cumulativamente, aumentar

para chegar a mostrar a força da fúria humana. A ira que Levi havia contido em todos os seus livros, deixando-a transparecer somente em suas poesias, aparece, então, numa prosa bastante alterada, considerando que seu suicídio ocorreu pouco tempo depois. Até o homem-testemunha-escritor-poeta havia sido afetado pela ira dos memorialistas de campos e concentração alemães:

[...] O suicídio, reflete Levi (*I sommersi ed i salvati*, pg. 58), no livro que pode ser visto, talvez e depois de tudo, como a mais amarga das mensagens de adeus: ‘O suicídio é do homem e não do animal, isto é, é um ato premeditado, uma escolha não instintiva, não natural’. No Lager, onde os seres humanos eram forçados a se tornarem animais, não havia suicidas. Améry, Borowski, Celan e por último Levi, destruíram eles mesmos algum tempo depois de suas libertações. Levi demorou mais de quarenta anos; e não se tornou suicida até não deixar entrar a paixão, quando retribuiu os golpes que havia recebido. Se Améry tem razão, que a vontade de retribuir golpes é a chave de seu suicídio, então ele decifrou para nós também o próprio suicídio. [...] O que sabemos agora, e que não sabíamos antes de *I sommersi ed i salvati*, é que no fundo, Levi não podia acreditar em si mesmo como a uma ampola de água cristalina, que está serenamente num cantinho. Não era afastamento. Era letargo, latência, potencialidade: era inoperosidade.^[13]

Enfim, muitos são os críticos que falaram sobre Primo Levi, ainda mais depois de sua morte, e ainda muitos falam e falarão dele. O químico-testemunha-narrador-escritor-poeta conseguiu sair vivo do inferno do *Lager* para contar ao mundo como os alemães, em brevíssimo tempo, destruíram o povo escolhido por Deus quase por inteiro, como era realmente sua intenção. E ele, desde sua volta de Auschwitz, continuou a gritar ao mundo os horrores do *Lager*. Continuou a dizer que se Deus existisse de verdade não deixaria existir o povo alemão, arquiteto de Auschwitz: Existe Auschwitz, então não pode existir Deus. (*Sobre a escrita datilografada, a lápis, acrescentou: Não acho uma solução ao dilema. Procuro-a, porém, não a encontro*)^[14]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONICELLI, Franco. *L'ultimo della catena*, “La Stampa”, 31 maggio 1958.
In: FERRERO, Ernesto - *Primo Levi: un'antologia della critica*, Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997.
CAMON, Ferdinando, *Conversazioni con Primo Levi*, Parma: Ugo Guanda Editori S.p.A., 1997.

- CASES Cesare: L'ordine delle cose. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997.
- DELLA TORRE, Stefano. L'eredità di Primo Levi. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997.
- LEVI, Primo. *Il sistema periodico*. In: *Opere I*, Torino: Giulio Einaudi editore, 1997.
- OLOBARDI, Umberto. "Il Ponte", marzo 1948. Milano: Ed. Mursia, 1990.
- OZICK, Cynthia. in FERRERO, Il messaggio d'addio. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997.
- SEGRE, Cesare. I romanzi e le poesie. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997.
- SPELLANZON, Cesare. "Corriere d'informazione", 5 agosto 1949. In: TOSCANI, Cesare. *Come leggere Se questo è un uomo*, Pagine scelte dalla critica, Ed. Mursia, Milano, 1990.
- TOSCANI, Cesare. Pagine scelte dalla critica. *Come leggere 'Se questo è un uomo'*, Milano: Mursia, 1990.
- VALABREGA, Paola. La tradizione ebraico-orientale. In: *Pagine scelte dalla critica*. Milano: Mursia, 1990, pg. 268 e 269.

-
- [1] Professora de Italiano na UERJ – Doutora em Língua e Literatura Italiana pela UFRJ
- [2] CAMON, Ferdinando, *Conversazioni con Primo Levi*, Parma: Ugo Guanda Editori S.p.A., 1997, p. 13
- [3] OLOBARDI, Umberto. "Il Ponte", marzo 1948. In: TOSCANI, Cesare. *Come leggere Se questo è un uomo*, Pagine scelte dalla critica, Ed. Mursia, Milano, 1990, pg. 98.
- [4] SPELLANZON, Cesare. "Corriere d'informazione", 5 agosto 1949. In: TOSCANI, Cesare. *Come leggere Se questo è un uomo*, Pagine scelte dalla critica, Ed. Mursia, Milano, 1990, pg. 98.
- [5] ANTONICELLI, Franco. *L'ultimo della catena*, "La Stampa", 31 maggio 1958. In: FERRERO, Ernesto - *Primo Levi: un'antologia della critica*, Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997, pg.309.
- [6] CASES Cesare: L'ordine delle cose. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997, pg. 7.
- [7] SEGRE, Cesare. I romanzi e le poesie. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997, pg. 92.
- [8] *Ibidem*, pg. 106.
- [9] DELLA TORRE, Stefano. L'eredità di Primo Levi. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997, pg. 245.
- [10] *Ibidem*, pg. 254
- [11] TOSCANI, Claudio. *Come leggere Se questo è un uomo*. In: *Pagine scelte dalla critica*. Milano: Mursia, 1990., pg. 101.
- [12] VALABREGA, Paola. La tradizione ebraico-orientale. In: *Pagine scelte dalla critica*. Milano: Mursia, 1990, pg. 268 e 269.
- [13] OZICK, Cynthia. in FERRERO, Il messaggio d'addio. In: FERRERO, Ernesto. *Primo Levi: un'antologia della critica*. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a.,1997.
- [14] CAMON, Ferdinando. *Conversazione con Primo Levi*. Ugo Guanda Editore S.p.A, Parma, 1997, pg. 72.